

Identidade sintática em elipse de VP selecionado por auxiliares aspectuais

Francisco Iokleyton de Araujo Matos*

Resumo

Elipse é um fenômeno muito comum nas línguas naturais e corresponde ao processo por meio do qual a relação entre forma e significado é quebrada, isto é, ocorre interpretação mesmo na ausência de elementos explícitos. Quando o constituinte afetado na construção elíptica é o *vP*, isto é, a fase interna da estrutura da sentença, ocorre o que a literatura vem denominando como elipse de VP (ou simplesmente VPE). Neste *squib*, problematizamos um caso de VPE no português brasileiro, em que a elisão é licenciada por verbos auxiliares aspectuais. A nossa hipótese é a de que identidade sintática pode ser devidamente computada para fins de licenciamento da elipse se, em algum ponto da derivação sintática, a marca de gerúndio e a preposição requerida por um auxiliar aspectual são sintaticamente equivalentes. Abordamos esse caso de elipse à luz do entendimento de que paralelismo sintático é uma condição que regula o licenciamento de elipses de *vP*, e esboçamos uma solução derivacional para uma aparente incompatibilidade sintática entre antecedente e elipse.

Palavras-chave: elipse de VP, identidade sintática, preposição, gerúndio

Abstract

Ellipsis is a very common phenomenon in natural languages and it corresponds to a process whereby the relation between form and meaning is broken, which means that there is interpretation even in the absence of explicit elements. When the targeted constituent in the elliptical construction is the *vP* (the clause-internal phase), we have what the linguistic literature calls VP ellipsis (or simply VPE). In this *squib*, we problematize a case of VPE in Brazilian Portuguese, in which the elision is licensed by aspectual auxiliary verbs. Our hypothesis is that syntactic identity can be appropriately computed for purposes of ellipsis licensing if, in some point of the syntactic derivation, the gerund morpheme and the preposition required by an aspectual auxiliary verb are syntactically equivalent. We approach this case of ellipsis in the light of the understanding that syntactic parallelism is a condition that regulates the licensing of *vP* ellipses, and we outline a possible account for an apparent syntactic incompatibility between antecedent and ellipsis site.

Keywords: VP ellipsis, syntactic identity, preposition, gerund

* Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP. Vinculado, como aluno de doutorado, ao Programa de Pós-Graduação em Linguística, *e-mail*: iokleyton@icloud.com. Este trabalho se relaciona ortogonalmente com o tema da minha pesquisa de doutorado (Elipses), fomentada pelo CNPq, a quem agradeço.

1 Introdução

Tem sido observado, há algum tempo, que uma das condições que regula a distribuição de elipses nas línguas naturais é a relação de identidade sintática que deve haver entre o que se chama de sítio (ou local) de elisão e o antecedente de uma elipse, como se vê no exemplo em (1), um caso de elipse de VP (VPE)¹.

(1) *O João estudou e a Maria também estava _____ [_{VP} ~~estudando~~].

Essa condição de identidade parece estar presente em qualquer tipo de estrutura elíptica (VPE, *sluicing*, fragmentos de resposta, *gapping*, *stripping*, *pseudogapping*), e soluções para manter inviolado esse requisito têm sido apresentadas ao longo de uma considerável literatura em linguística que trata do fenômeno de elipse (cf. ROSS, 1969; FIENGO; MAY, 1994; MERCHANT, 2001, 2013; JOHNSON, 2001; entre outros).

Casos de VPE no português brasileiro como aqueles em (2) e (3) a seguir representam, no entanto, um problema que claramente diz respeito à condição de identidade sintática das estruturas.²

(2) A Maria terminou de fazer a prova, mas o João continua _____ [_{VP} ~~fazendo a prova~~].

(3) O João continua fazendo a prova, mas a Maria terminou _____ [_{VP} ~~de fazer a prova~~].

Observe-se, ainda, que o equivalente, em português europeu, para (2) seria (4), em que o gerúndio dá lugar a um infinitivo preposicionado, e a estrutura pode ser elidida:

(4) A Maria terminou de fazer a prova, mas o João continua _____ [_{VP} ~~a fazer a prova~~].

¹ A rasura na estrutura indica sua elisão.

² Um parecerista anônimo indagou se os casos de elipse aqui explorados não poderiam ser apropriadamente analisados como casos de elipse de DP em vez de elipse de VP. Esse parece ser um entendimento natural, considerando-se a disponibilidade de elipse de DP no português em alguns contextos (cf. Cyrino e Lopes, 2016; Nunes e Zocca, 2009), e, ainda, o comportamento ambíguo de verbos dos *continuar* e *terminar*, que, aparentemente, podem selecionar tanto um DP quanto um VP. Enquanto ainda não se tem um consenso em relação a essa questão, sustentamos que os casos aqui analisados são casos de elipse de VP. Uma possível evidência de que essa análise é a mais adequada está na previsão que ela faz de que o verbo principal, na estrutura elidida, deve ser idêntico ao verbo principal da oração antecedente, de maneira que não há como resolver a elipse se o DP objeto do verbo é idêntico ao DP antecedente, mas o verbo que o seleciona não o é, como se vê a seguir.

(i) *O João continua fazendo a prova, mas a Maria terminou [~~de receber a prova~~].

Tais dados suscitam a seguinte questão para o analista que considera identidade sintática como uma condição, seja para o apagamento da estrutura em PF (do inglês, *Phonological Form*), seja para a sua reconstrução em LF (do inglês, *Logical Form*):

- (5) Como pode o sítio elidido em (2) apresentar o verbo na forma de gerúndio, sendo o seu antecedente um infinitivo preposicionado? Mudando-se a ordem dos fatores, a mesma pergunta vale também para (3).

Neste *squib*, seguiremos os autores supracitados ao considerarmos que a relação entre a elipse e o seu antecedente não é livre de restrições, mas deve, em alguma medida, obedecer a condições de identidade/compatibilidade sintática.

Tendo em conta essas ponderações iniciais, o presente trabalho tem por objetivo principal apresentar uma solução derivacional para a aparente incompatibilidade sintática que há entre o VP elidido e o antecedente de estruturas como as apresentadas em (2) e (3).

A análise proposta aqui terá filiação a um modelo derivacional que conjuga pressupostos da Morfologia Distribuída com instrumentos de análise de um Minimalismo não canônico. Assim, para os interesses mais imediatos deste trabalho, será relevante a noção de morfema dissociado (cf. EMBICK, 1997); e igualmente relevante será a proposta de *feature sharing* (cf. PESETSKY; TORREGO, 2007). As razões para tais assunções ficarão claras na próxima seção.

Uma vez que à estrutura sintática da qual deriva a nossa questão subjazem questões relativas às propriedades de seleção do verbo auxiliar aspectual, apresentaremos, no que segue, duas análises distintas para estruturas com esses verbos: uma análise que endossará uma incompatibilidade sintática entre elipse e antecedente, nas estruturas (2) e (3); e uma análise alternativa, que faz uso dos pressupostos teóricos mencionados acima. Tal análise alternativa nos possibilitará sustentar que há paralelismo sintático nos casos de elipse em questão.

2 Traços e interpretabilidade na abordagem de verbos aspectuais do português brasileiro

Em relação à dependência morfossintática de verbos auxiliares aspectuais no português, um modo de análise produtivo dentro do quadro minimalista de Chomsky (2000, 2001) tem sido aquele delineado em Lunguinho (2006), que explica os contrastes apresentados em (6), a seguir, como resultado da interação de traços no sistema computacional.

- (6) a. As crianças começaram a comer / #comendo / *comido o bolo.
 b. As crianças continuam a comer_{PE} / comendo_{PB} / *comido o bolo.
 c. O menino terminou de comer / #comendo / *comido o bolo.

(dados extraídos de Lunguinho, 2006, p. 470)

De acordo com Lunguinho (2006), o que ocorre nos casos acima é um processo de checagem de traços entre o auxiliar e a forma nominal que lhe serve de complemento, de tal modo que a gramaticalidade de alguns casos em (6) se explica em termos de compatibilidade de traços de Aspecto, ao passo que a agramaticalidade se justifica pela incompatibilidade na combinação de tais traços. Nessa abordagem, verbos auxiliares aspectuais como *começar*, *terminar*, *parar*, *continuar*, entre outros, são portadores de um traço de Aspecto [imperfectivo], que não se apresenta em formas participiais, mas apenas em formas gerundivas e infinitivas. Lunguinho não se detém no fato de que há sempre uma preposição nos casos em que o aspectual seleciona um infinitivo, mas deixa claro que nesses casos o complemento do auxiliar aspectual é um sintagma preposicional cujo núcleo é a preposição *a* ou a preposição *de*. Frente a uma análise como a de Lunguinho (2006), os casos de elipse em (2) e (3) manifestam uma clara distinção em termos de marcadores frasais, na medida em que aquilo que é reconstruído ou apagado (a depender da abordagem para elipse) em (2), por exemplo, é um VP gerundivo para o qual um sintagma preposicional é antecedente; no caso em (3), o que é omitido é um sintagma preposicional, cujo antecedente é um VP gerundivo.

Embora concordemos em lidar com os fatos de dependência morfossintática como um tipo de interação de traços no sistema computacional, divergiremos de Lunguinho (2006) em um aspecto fundamental para a análise alternativa que apresentamos neste trabalho: consideraremos que apenas formas gerundivas portam um traço de Aspecto da mesma natureza exigida pelo auxiliar aspectual. Isso implica que o infinitivo não será considerado como uma forma portadora de traço de aspecto em nossa análise.³

Ainda assim, seguiremos Lunguinho (2006) na tentativa de descrever o fenômeno da seleção morfossintática de verbos auxiliares aspectuais como resultado da interação de traços no sistema computacional. Aqui, avançaremos na discussão desse autor, na medida em que conceberemos dependência morfossintática como um mecanismo que se traduz em termos da operação *Agree*, não exatamente nos termos em que Chomsky (2000, 2001) propõe essa operação, mas, por razões de ordem empírica e ao mesmo tempo conceitual, assumiremos a abordagem de *Agree* formulada em Pesetsky e Torrego (2007).

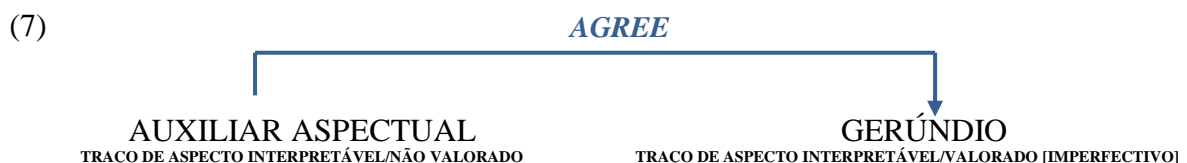
Na proposta minimalista canônica apresentada em Chomsky (2000, 2001), esse autor motiva um tipo de interação de traços necessária para o apagamento de certos traços que, embora presentes na computação, não podem ser lidos pela interface LF. Esse processo se dá mediante a aplicação de uma operação denominada *Agree*, que, sob condições para uma combinação de traços, deve ser responsável por apagar traços não interpretáveis em LF. Por

³ Embora Câmara Jr. (1970) não operasse com a noção de *feature* como operamos hoje no âmbito do Minimalismo, a nossa ideia de não assumir infinitivo como uma forma portadora de traço de Aspecto apoia-se na descrição que esse autor apresenta para as formas nominais do verbo em português. De modo geral, a literatura que lida com o infinitivo não apresenta análises homogêneas. Encaminhamos o leitor para Lunguinho (2006), em que é possível ter uma visão mais geral de vários trabalhos representativos das diferentes abordagens para o infinitivo.

questões de espaço, não detalharemos a proposta de Chomsky (2000, 2001) para tal mecanismo, mas apenas daremos relevo ao fato de que, para esse autor, a operação de concordância, que eventualmente move itens e necessariamente apaga traços não interpretáveis em LF exige que um traço/item c-comandante, denominado sonda (*probe*), seja não interpretável e não valorado, ao passo que o traço/item que lhe possa servir como alvo (*goal*) deverá necessariamente ser interpretável e valorado.

A aplicação desse sistema de *Agree* para o fenômeno em questão esbarra imediatamente em um problema de natureza conceitual. Se, para explicar os contrastes em (6), postularmos uma instanciação de *Agree* entre auxiliar aspectual e forma nominal que lhe serve de complemento, exatamente nos termos em que propõe Chomsky, então teremos o problema de explicar como pode o verbo auxiliar apresentar uma versão não-interpretável de um traço responsável por sua própria natureza aspectual. Assim, embora a marca de gerúndio, designadamente uma marca de aspecto no português, possa ser analisada como uma versão interpretável de um traço de aspecto imperfectivo, é inviável lidar com o auxiliar aspectual como portador de um traço não interpretável de Aspecto.

Por essa razão, assumiremos aqui um modelo não canônico de *Agree*, tal como proposto em Pesetsky e Torrego (2007). Também não temos espaço aqui para discutir a proposta de *Agree* que esses autores apresentam, mas destacamos o fato de que os autores mostram argumentos convincentes em defesa de um sistema de *Agree* em que, para ser habilitado como sonda, um traço não precisa ser não interpretável⁴. O que basta é que ele seja não valorado, e é isso que assumiremos para o nosso sistema sonda/alvo, como representado a seguir.



Partindo da abordagem de Pesetsky e Torrego (2007), propomos que *Agree* se aplica entre o traço de aspecto da sonda, que é interpretável, mas não valorado, e o traço de aspecto do alvo, que, por sua vez, é interpretável e valorado. Como resultado dessa interação de traços na sintaxe, um único traço, o traço [imperfectivo] de aspecto, é compartilhado pelas duas posições sintáticas. Sendo as duas ocorrências desse traço interpretáveis, valoração ocorre sem que qualquer traço seja marcado para apagamento (*deletion*), diferentemente do que se ilustra

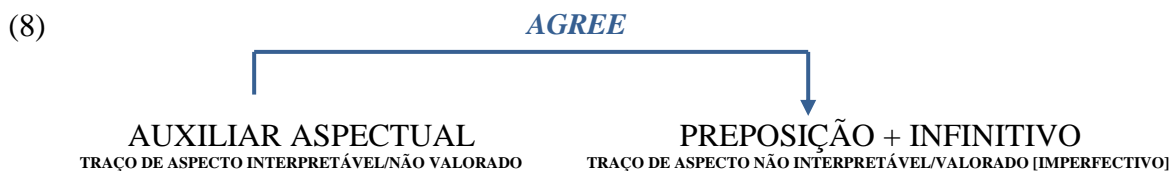
⁴ É útil notar que Pesetsky e Torrego (2007), apesar de operarem com uma noção de *Agree* que parte da proposta de Chomsky (2000, 2001), divergem desse último autor em relação a alguns aspectos. Por exemplo, Pesetsky e Torrego (2007) rompem com a bicondição *valoração/interpretabilidade* de traços da versão de *Agree* segundo Chomsky, de acordo com a qual, um determinado traço F é não interpretável se e somente se esse traço é não valorado (CHOMSKY, 2001, p. 5). Um outro ponto de divergência está na consideração, dentro da proposta de Pesetsky e Torrego, de que um único traço, mas não apenas um feixe de traços, pode atuar como sonda. Particularmente em relação a esse aspecto da proposta, ver Pesetsky e Torrego (2007, p. 276-77).

em (8), a seguir, em que o traço de aspecto da preposição é não interpretável, e uma consequência adicional de *Agree* nesse caso é o apagamento do traço não interpretável.

O resultado empírico desse mecanismo sintático é a constatação de que tanto o verbo auxiliar quanto a marca de gerúndio são categorias sintáticas distintas que operam de modo a distinguir a estrutura interna de um evento, isto é, os intervalos de tempo de um dado evento. Na literatura linguística, é o que denominamos como aspecto gramatical imperfectivo (cf. PEREIRA, 2012 e textos ali citados).

Assim, nos casos em (2) e (3), por exemplo, entendemos que o verbo auxiliar aspectual *terminar* denota a fronteira final do evento “fazer a prova”; o auxiliar aspectual *continuar*, por sua vez, fica a cargo de denotar o desenvolvimento desse mesmo evento, de modo que, em ambos os casos, nós temos acesso, por meio do emprego conjunto do auxiliar aspectual com a forma nominal que lhe serve de complemento, a especificações relativas ao aspecto gramatical imperfectivo da sentença.

Retornando aos mecanismos sintáticos que estamos explorando neste *squib*, fica claro que precisamos de uma hipótese que nos permita lidar com *Agree* mesmo em casos em que o auxiliar aspectual tem como complemento um infinitivo, forma que estamos assumindo não ser portadora de traço de aspecto [imperfectivo]. A nossa hipótese é a de que, nesses casos, *Agree* deve ocorrer entre o auxiliar e a preposição, como representado a seguir.



O leitor atento deve notar que, no esquema acima, a preposição, diferentemente da marca de gerúndio no verbo, é portadora de um traço valorado, porém não interpretável. Isso tem a ver com uma outra hipótese que tenta explicar a natureza de preposições verificadas entre o auxiliar aspectual e o infinitivo: tais preposições não constituiriam o núcleo de um sintagma preposicionado, mas, em vez disso, teriam o estatuto de um morfema dissociado, tendo em vista que supostamente seriam inseridas por operação do componente morfológico. Conforme Embick (1997, p. 8), “um morfema será chamado dissociado quando sua posição ou seus traços morfossintáticos não figurarem na computação sintática, mas forem, em vez disso, adicionados no componente morfológico, sob condições estruturais específicas”⁵. Isso poderia estar associado, por exemplo, com o entendimento de que essas preposições em particular não têm interpretação em LF.

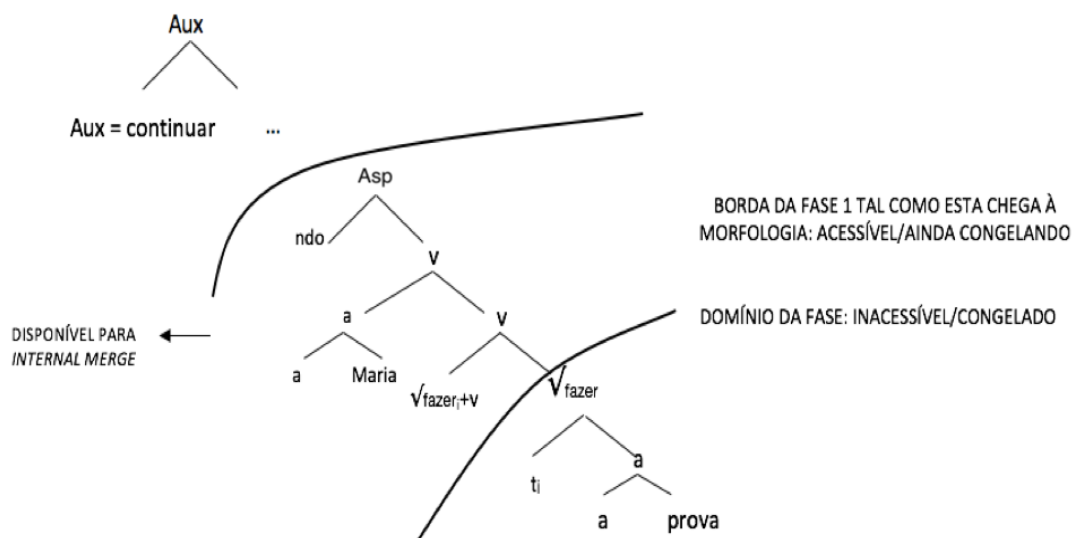
Em resumo, o que queremos propor com isso é que, quando o *output* que a sintaxe

⁵ Tradução nossa.

entrega à morfologia não apresenta um nó terminal correspondente ao morfema de gerúndio, tal que o traço desse morfema possa interagir com o auxiliar aspectual, a morfologia se encarrega de inserir o que estamos postulando ser um morfema dissociado, capaz de interagir com o traço de aspecto do auxiliar. Para isso funcionar, podemos explorar a ideia de que esse morfema é inserido na borda de uma *fase*, portanto em um ponto que ainda está acessível para operações sintáticas, como é o caso de *Agree*. Além disso, lidaríamos, certamente, como um modelo de aplicação múltipla de *Spell-Out* (CHOMSKY, 2000, 2001).

Sendo assim, em termos do modelo de derivação em fases (cf. CHOMSKY, 2000, 2001), ilustraremos a seguir os passos disponíveis para a derivação de estruturas como *a Maria continua fazendo a prova* e *a Maria terminou de fazer a prova*. Explicaremos o que acontece em cada caso, mas, por razões de espaço e simplificação, suprimiremos alguns detalhes da derivação que não interferem imediatamente em nossa exposição.

(9) A Maria **continua fazendo** a prova.

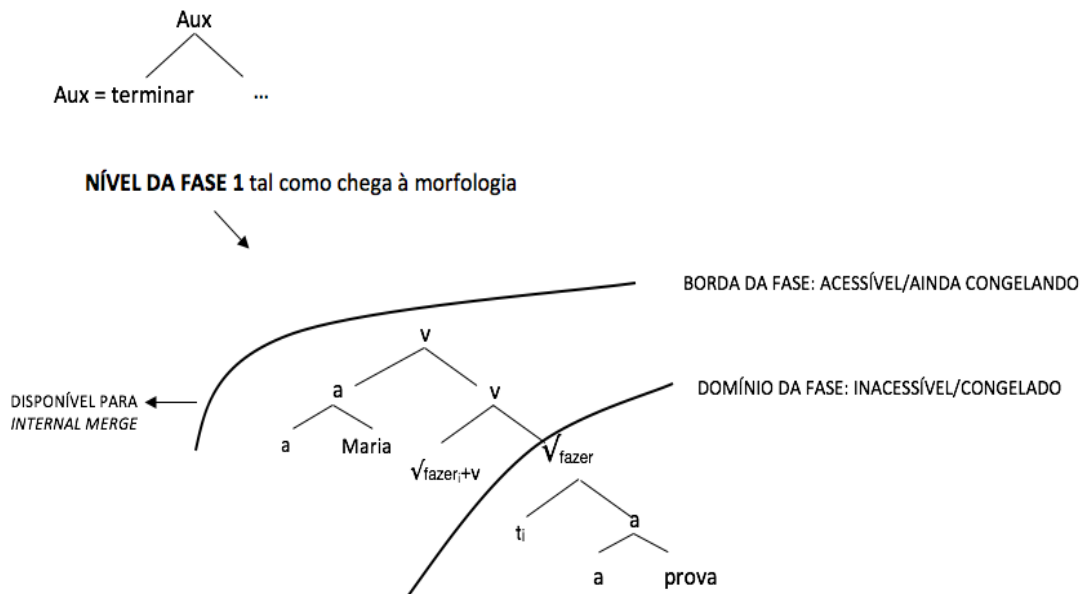


O modelo teórico que assumimos faz a previsão de que determinadas operações pós-sintáticas são executadas como forma de resolver a falta de isomorfismo entre estrutura sintática e estrutura morfológica, uma conhecida propriedade das línguas naturais. Assim, além de poder inserir um morfema dissociado — aspecto fundamental explorado em nossa análise —, a morfologia também trata de unir nós terminais que são sequenciados fonologicamente juntos, mesmo que venham separados da sintaxe. Assumiremos que uma operação de *Lowering* (cf. EMBICK; NOYER, 2001) une, na estrutura anterior, o morfema de aspecto *-ndo* à raiz verbal. Tal operação de movimento, como propõem Embick e Noyer (2001, p. 562), tem um caráter não local, isto é, não adjacente. Ou seja, a existência de núcleos terminais entre o morfema de aspecto e a raiz verbal não inibe essa operação de movimento.

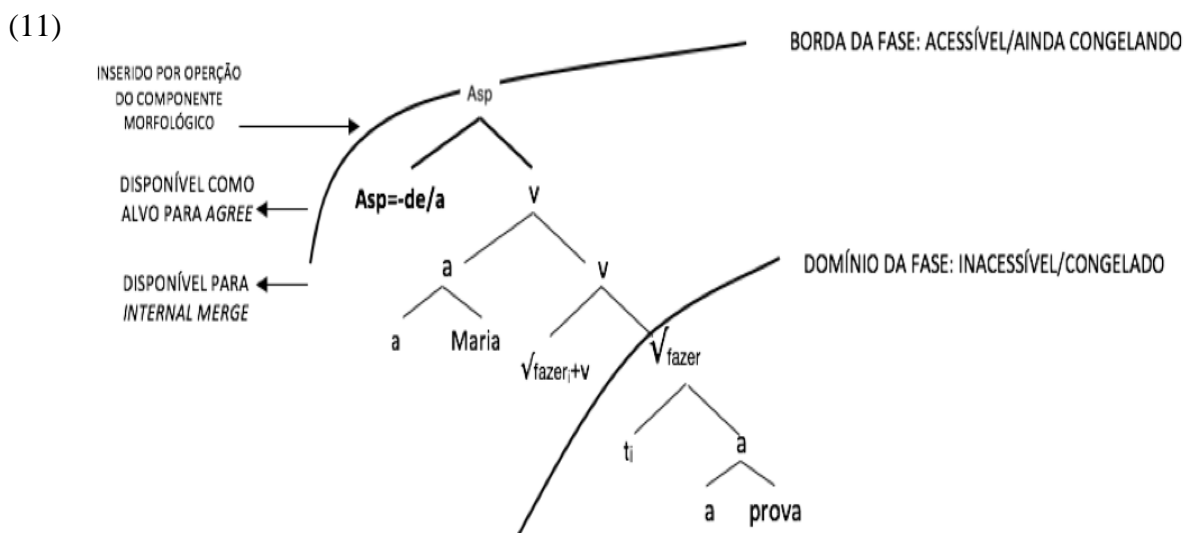
Essa análise é fundamental para o efeito do que queremos propor em relação à

identidade sintática entre sítio de elisão e antecedente, pois, sendo a estrutura anterior tal e qual aquela que a sintaxe fornece à morfologia, teremos identidade sintática entre essa estrutura e a que será esboçada a seguir, em que, em vez do auxiliar aspectual *continuar*, temos o auxiliar aspectual *terminar* selecionando um domínio não finito.

(10) A Maria **terminou de fazer** a prova.



Propomos que, enquanto a margem do vP é visível e acessível ao sistema computacional, a morfologia insere na estrutura em (10) um morfema dissociado, cujo Item de Vocabulário corresponderá às preposições *a* ou *de*. Sendo inserido/adjungido em tal ponto da derivação, esse traço estará disponível para uma interação com o auxiliar aspectual. A seguir, indicamos a inserção desse morfema na estrutura (em **negrito**).



3 O que se conclui da exposição anterior para o nosso caso de elipse

Tendo em vista o esboço de análise derivacional que elaboramos para explicar a dependência morfossintática dos verbos auxiliares aspectuais trazidos em nossos exemplos, encaminhamos uma resposta para (5), argumentando que a condição de identidade sintática pode, em alguma medida, ser mantida para explicar os casos de elipse em (2) e (3).

Se, no caso da estrutura para *a Maria continua fazendo a prova*, a elisão se dá sobre o vP contendo a marca de aspecto (o gerúndio), em que esta c-comanda a raiz verbal, então, no caso da estrutura para *a Maria terminou de fazer a prova*, em que a preposição é inserida como um morfema dissociado para interagir com o auxiliar, a elisão se dá sobre, basicamente, a mesma estrutura. Em outras palavras, se o que chamamos de preposição em tais casos não for de fato o núcleo de um sintagma preposicional, então a incompatibilidade entre sítio elidido e antecedente é minimizada, e a peça morfológica que estamos postulando ser dissociada tem a mesma funcionalidade sintática de um morfema de gerúndio, salvo algumas consequências decorrentes de sua inserção tardia.

Referências

- CÂMARA Jr, J. M. *Estrutura da Língua Portuguesa*. Petrópolis: Vozes. 1970.
- CHOMSKY, N. Minimalist inquiries: the framework. In: Martin, Roger, Michael, David; Uriagereka, Juan (Ed.). *Step by Step: Essays on Minimalist Syntax*. Cambridge, MA: MIT Press, 2000. p. 89-155.
- CHOMSKY, N. Derivation by phase. In Michael Kenstowicz. Ken Hale: *A life in language*. Cambridge, MA: The MIT Press, 2001. p. 1-52.
- CYRINO, S; LOPES, R. Null objects are ellipsis in Brazilian Portuguese. *The Linguistic Review*, v. 33, n. 4, 2016. p. 1-19.
- EMBICK, D. *Voice and the Interfaces of Syntax*. Tesis de Doctorado, Universidade de Pennsylvania. 1997.
- EMBICK, D; NOYER, R. Movement Operations after Syntax. *Linguistic Inquiry*, v. 32, n. 4, 2001. p. 555-595.
- FIENGO, R; ROBERT, M. *Indices and identity*. Cambridge, Massachusetts: MIT Press. 1994.
- JOHNSON, K. What VP ellipsis can do, and what it can't, but not why. In: *The handbook of contemporary syntactic theory*, ed. Mark Baltin and Chris Collins. Oxford: Blackwell Publishers, 2001. p. 439-479.
- LUNGUINHO, M. V. da S. Dependências Morfossintáticas: a relação verbo auxiliar - forma nominal. *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 14, n. 2, 2006. p. 457-489.
- MERCHANT, J. *The syntax of silence: Sluicing, islands, and the theory of ellipsis*. Oxford: Oxford University Press, 2001.
- MERCHANT, J. Voice and Ellipsis. *Linguistic Inquiry*, v. 44, n. 1, 2013. p. 77-108.
- NUNES, J.; ZOCCA, C. Lack of morphological identity and ellipsis resolution in Brazilian Portuguese. In: NUNES, J. (Org). *Minimalist Essays on Brazilian Portuguese Syntax*, v. 142, John Benjamins Publishing, 2009. p. 215-236.
- ROSS, J. R. Guess who? In: Proceedings of the Fifth annual meeting of the Chicago Linguistics Society, ed. Robert I. Binnick, Alice Davison, Georgia M. Green, and Jerry L. Morgan, 1969. p. 252-286.

PEREIRA, M. O. C. *Uma análise do aspecto lexical e do aspecto gramatical no contexto da alternância causativa*. 2012. Dissertação. Universidade de Brasília, 2012.

PESETSKY, D; TORREGO, E. The syntax of valuation and the interpretability of features. In: KARIMI, S.; SAMIAN, V.; WILKINS, W. (Org.). *Phrasal and clausal architecture*. Amsterdam: John Benjamins, 2007. p. 262-294.

Squib recebido em 28 de maio de 2017.

Squib aceito em 13 de abril de 2018.